

Percursos

De casa para a ambulância.
Da ambulância para a maca do hospital.
Da maca levei-o até à hematologia.
Da hematologia para a imagiologia.
Da imagiologia para a endocrinologia.
Da endocrinologia para as urgências.

Das urgências para os cuidados intermédios.
Dos cuidados intermédios para a cirurgia plástica.
Da cirurgia plástica para a neuro-cirurgia.
Da neuro-cirurgia para os enfec-to-contagiosos.
Dos infecto-contagiosos para a morgue.

In *Pai*, do lado esquerdo, Maio de 2017, p. 24.

RUÍNAS, CATÁLISE

Cada época tem os seus heróis, os seus sucessos
de bilheteira. Tanto tráfico e mentira.
Piratas e aristocratas, ladrões e servidores.

Para alguns é sempre fácil o xarope da distribuição.
Para a maioria, o desejo de obedecer e cumprir.
Assistir a toda esta loucura como quem lê livro velho
e percebe que, de novo, apenas a decoração, os sons
e os tiques. Podem chamar-lhe política,
a arte de conduzir. Lama e sobressaltos.

Mas o sórdido é, por instantes, o mais belo sítio,
com toda a sua filigrana de corsos e mendigos.
E lá vamos nós eufóricos pelos museus, pela fotografia.

De *Alfenim e Perrixil*, in *Livros Reunidos*, Edições Tinta-da-China,
Março de 2024, p. 469.



**POESIA
NO TEATRO**
PROGRAMA ELABORADO POR
HENRIQUE FIALHO

CARLOS L. P. BESSA
17 de JUNHO de 2025





CARLOS L. P. BESSA (1967) nasceu em Viana do Castelo, cresceu nos arredores do Porto e vive há três décadas nos Açores. Professor, escritor e crítico literário, preside ao Instituto Açoriano de Cultura e é director da revista Atlântida. Tem colaboração crítica e poética dispersa no Expresso, Jornal de Letras e Jornal do Fundão, além de vários fanzines e revistas. Publicou os livros de poesia “Legenda” (Edições Atlas, 1995), “Termómetro. Diário” (Black Sun, 1998), “Olhos de Morder Lembrar e Partir” (Black Sun, 2000), “Lançam-se os Músculos em Brutal Oficina” (&etc, 2000), “Em Trânsito” (&etc, 2003), “Em Partes Iguais” (Assírio & Alvim, 2004), “Dezanove Maneiras de Fazer a Mesma Pergunta” (Teatro de Vila Real, 2007), “Pai” (do lado esquerdo, 2017), uma ficção sobre Vitorino Nemésio, “Sentado Numa Pedra de Memória” (2012), e dois livros infanto-juvenis em co-autoria com Diogo Bessa.

a velha chaminé de tijolos

Posso escrever um poema todas as noites
Descalçar os sapatos, pôr os pés no parapeito
Ao fresco da noite, dos choupos, dos pinheiros
Posso abrir um livro, fumar um cigarro
Enquanto os olhos vagueiam, posso interrogar-me
Sentir a culpa ou o devaneio
Um riso ontem, a dor de estar longe
Mas o mundo irremediavelmente
Não me cabe na caixa do correio
Tampouco o amor. E posso literalmente fazer de conta.

In *Lançam-se os músculos em brutal oficina. O conhecimento das coisas*, &etc, Outubro de 2000, p. 62.

por último

Atravesso a solidão com o rei na barriga
Sento-me, depois, num banco de jardim
Desembrulho devagarinho cada postal
Em forma de gente que me traz o
Melhor de Portugal no século vinte.
Esse luxo de dois ou três compassos
E fontes de água com solução para quase tudo.
Lembro-me, então, de que tudo o que queria
Como tantos, como a maioria
Eram lugares públicos, um estipêndio
Todo gestos e perguntas como
Em que pensas, vá, diz-me
Onde os medos se juntam e põem Polícia!
Talvez me conheçais por de lá terdes vindo
Na mesma arte de repetir acasos e gritaria.
(Ah como é bela a poesia, o sublime
A tão profícua indústria onde eu e tu
Somos, para as estatísticas, franjas tímidas, inofensivas
Embora carentes ainda de palavras que recuem e ousem
Que sejam realmente de ódio, do amor
Ou de outra coisa qualquer.)

In *Em Trânsito*, &etc, Abril de 2003, p. 78.